

elite e da classe subalterna) adquirem um caráter tão avassalador que ameaçam qualquer tipo de prática articuladora de construção de alianças. Quando vejo como acadêmicas (do Primeiro Mundo e da elite do Terceiro) e ativistas (do Terceiro Mundo) trabalham juntas em diversos movimentos sociais, apesar das distâncias e dos interesses e investimentos institucionais de cada uma, sinto-me bem menos melancólica e mais próxima ao Cyborg. Porém, nem tanto.

A celebração da narrativa heteroglossa e a confusão de fronteiras do Cyborg — fontes de seu prazer — tendem, como observa eloquentemente Susan Bordo⁵, a obscurecer o fato de que narrativas e a fabricação de histórias são localizadas, limitadas, parciais e sempre carregam consigo investimentos pessoais. Daí a necessidade de caminharmos com mais cautela rumo à heterogeneidade instável, pois infelizmente o poder ainda opera, com intante monotonia, através dos velhos dualismos, o que limita a eficácia do Cyborg como transgressor dos

dualismos. Quem sabe não seria melhor e mais produtivo como estratégia feminista se, em vez de ficarmos imaginando Cyborgs, não nos ocupassemos de duas tarefas. Primeiro, de cuidar da reflexão e análise do lugar que ocupamos em nossas teorizações e intervenções políticas (relevante aqui seriam questões sobre subjetividade, representação, tradução cultural da diferença etc.) e segundo, em traçar paralelos entre esse lugar e o contexto mais amplo das instituições que queremos transformar. Entramos aqui com análises das estruturas sociais e seu papel nas relações de dominação na economia global. Mas, enfim, estamos nada mais que falando de um manifesto do Cyborg como utopia e do mundo como texto codificado pela informática da dominação. Não creio que haja consenso sobre a questão de quão perto ou quão distantes estamos deste mundo pós-gênero, pós-feminista, pós-tudo. O livro organizado por Helosa Buarque de Hollanda pretende apenas nos mostrar as tendências e os impasses nessas discussões. E diga-se de passagem, já faz muito.

CLAUDIA DE LIMA COSTA ■

⁵Feminism, Postmodernism and Gender Skepticism. In: NICHOLSON, Linda J. (org.) *Feminism/Postmodernism*. Nova York: Routledge, 1990, p. 133-56.

Propostas revolucionárias

O Melhor de Carmem da Silva

CVITA, Laura Taves (org.)

Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994.

Quando Carmem da Silva começou a escrever artigos mensais na revista *Ciúda* em 1963, entre receitas culinárias, modas e borda-dos e segredinhos para prender o marido, o feminismo era ainda uma ideia fora do lugar. Senão, no mundo inteiro, pelo menos no Brasil, onde ganhava contornos de piada de mau gosto, impregnando de ridículo tudo o que se dizia e fazia em seu nome. Carmem não se intimidou e foi fundo ao ponto. A partir do diálogo com as leitoras, que logo começaram a lhe mandar cartas, expos conflitos, expos tensões, expôs emoções, expôs desesperos. Leu

nas entrelinhas o que a surdez precoce a impediu de ouvir em consultas psicanalíticas para as quais se habitara por formação, a angústia das mulheres no momento histórico em que um mundo em transformação lhes exigia novas posturas diante da vida, enquanto a imagem secular do ideal de feminilidade, esculpida pela História e pela Ciência, as aprisionava a velhos padrões de comportamento, decalcando-lhes os destinos em modelos tão coerativos quanto ultrapassados. Culpa, medo, ansiedade, confusão, indecisão, ambigüidade. Carmem ouviu tudo isto nas cartas, os ditos e os não ditos. Soube devolver-lhes de forma organizada e precisa todo um material feito de pura subjetividade, traduzindo com argúcia e paciência a complexidade da vida emocional, achando as palavras certas que qualquer uma entenderia. Com isso ajudou suas leitoras a soletrar o beabá do feminismo, iniciou-as, sem que elas percebessem, em uma nova leitura do mundo e das relações humanas.

As leitoras confusas, difusas, assustadas, resistentes, arrepiadas, cunhos descontrolados mergulharam com ela e através dela em sua redescoberta pessoal, na reconstrução da identidade perdida, pisoteada pelos acontecimentos, atropelada por outras emergências da História e da Ciência, claudicante em suas buscas e intenções. Muitas incontáveis foram aquelas que anos mais tarde vieram à publico para apontá-la com carinho e gratidão como a estrela-guia do caminho percorrido.

Por 13 anos, Carmem não falou de feminismo em seus textos. Ainda uma vez, assim como o psicanalista não precisa acionar a teia freudiana para devolver ao paciente o que ele lhe comunica nas sessões de análise, Carmem não precisou, por muito tempo, recorrer a pressupostos teóricos ou ideológicos para restituir a suas leitoras o implícito e o explícito em cada uma das cartas que recebia. Que, embora individuais, revelavam cada vez mais a existência senão de um movimento, pelo menos de um *sente coletivo*. Lendo em ordem cronológica seus artigos, vamos percebendo como eles se tornam mais cuidados com o correr do tempo, como vão creditando a suas interlocutoras o crescimento necessário para receber questionamentos mais fundos, cobranças mais energéticas de abandono da auto-complacência em nome da assunção de novos papéis, de novos valores, de novas atitudes. Como ela própria diz no artigo em que comemora os 16 anos de sua coluna: Começamos a dialogar numa época em que ainda imperava a pieguice, o quenda-amigo, usado como preâmbulo meloso à mensagem convencional, a defesa dos valores estabelecidos, porque sim, sem nenhum exame crítico. Há 16 anos estamos aqui debatendo problemas, explicando, nos estimulando, nos apoiando, nos ajudando, nos mutuamente a crescer. Obra de nutrição, não conheço outra mais bonita.

O Melhor de Carmem da Silva, lançado no final de 1994 pela editora Rosa dos Tempos, traz uma coletânea dos textos da autora nos 22 anos em que escreveu para a revista *Claudia*. Laura Taves Civita, organizadora da edição, pediu à sua filha, jovem herdeira de um feminismo de que cada vez menos gente — e gente cada vez menos significativa — ainda se escolhesse entre todos os textos aqueles que pudessem ser considerados atuais e palatáveis às novas gerações.

Afinal, Carmem morreu há dez anos, e as mulheres que hoje vivem a juventude e o início da maturidade nem sempre se lembram de

que certas vantagens das quais hoje se beneficiam, custaram a suas predecessoras, caminho das longas e acidentadas.

É com indescritível emoção que encontro, entre os artigos selecionados, *A Protagonista*, cuja leitura, a época em que foi publicado, modificou todo o percurso de minha existência da mesma forma que o fez com tantas outras mulheres de minha geração. Relato o agora e me surpreendo com sua contemporaneidade, uma lição de vida para mulheres, para homens, para pessoas. Porque, embora se dirigisse fundamentalmente às mulheres, o que Carmem pregava era a liberdade de todos os seres humanos em seu inalienável direito de escolha.

A protagonista de sua própria vida opta, resolve e conquista a partir de si mesma, isto é, conta com um centro de gravidade interno, um eixo em redor do qual giram suas decisões e seus atos. Este eixo é o eu. Não um eu miragem, um eu fantasia arbitrariamente inventado a medida de nossos devaneios, mas um eu real, isto é, um conjunto de necessidades, aspirações, possibilidades e limitações avaliadas com o máximo de honestidade e aceitas com o máximo realismo.

Os assuntos que destilam nos 36 artigos selecionados por Júlia Tavares são aqueles que em todos os tempos constituíram o epicentro da vida biológica, social e emocional das mulheres: o amor, a sexualidade, o casamento, a infidelidade, a maternidade em todas as suas dimensões, inclusive em sua negação pelo aborto provocado, as relações com o trabalho, seja ele doméstico ou fora de casa, a difícil auto-estima, para além da beleza, enfim, conteúdos dos — em dias que não vão tão longe — ridicularizadas conversas de mulher. Saem da vida cotidiana, da rotina, do dia-a-dia, da intimidade das relações, tão próximas e interdependentes quanto mal resolvidas. E reaparecem focalizadas de outro ponto de vista, iluminadas pelo belo tom literário da escritora, pelo comentário crítico e bem humorado de uma mulher de bem com a vida, pela sanedra de das análises que não escondem a erudição, pelo conhecimento a fundo e na pele da obscuridade densa dos sentimentos femininos, pelo brilho das ideias de quem viveu pelo menos 30 anos antes de seu tempo.

Houve tempo em que as feministas falaram de igualdade de direitos e confundiram esta reivindicação com a de igualdade de comportamentos entre os dois sexos. Se as mulheres, nos espaços tradicionalmente masculinos, no mercado de trabalho, na política, no mundo acadêmico, logo se revelaram tão

competentes quanto os homens, por que não exigir que eles fizessem o mesmo que migrassem em direção aos espaços femininos da existência, quase todos eles circunscritos a vida privada?

Hoje as feministas já revêem essa postura e, longe de clamar por igualdade, exigem mais que nunca a respeito a diferença que orienta o lugar de cada um dos sexos no discurso da cultura. Diferença que confere às mulheres singularidades e privilégios de que nenhuma delas quer abrir mão.

O artigo intitulado *A Emoção da Mulher: A Razão do Homem: Um Eterno Conflito* revela com clareza constata a reconstituição do processo que fabrica homens e mulheres a imagem e semelhança de outros homens e de outras mulheres, marcando cuidadosamente as diferenças para além do biológico.

E assim, o discurso emocional, o mergulho no plano da psique, do íntimo, desde a infância e vedado ao homem que quer se parecer homem. Ninguém lhe ensina essa linguagem, ninguém lhe aponta as vantagens de aprendê-la, muito pelo contrário. Exceto algumas poucas sensibilidades privilegiadas - poetas, artistas, em geral, as homens julgam que só o discurso intelectual, racional, lógico, condiz com a masculinidade. E sentem-se bastante incomodados quando as mulheres tentam levá-los a dialogar noutro tom.

Mas adiante.

À mulher, por sua vez, cabem as virtudes da intuição, da sensibilidade, do altruísmo, a tendência maternal a nutrir, cuidar, proteger e dedicar-se, o espírito de sacrifício, enfim, a predominância dos interesses afetivos sobre quaisquer outros. Este preconceito mutilador reduz cada sexo a meia pessoa: um assume a o gesto, a outra a linguagem; um o intelecto, a outra o sentimento; um a lógica, a outra a intuição. Temos de reconhecer, contudo, que nesta divisão arbitrária, o quinhão concedido à mulher, embora socialmente mais desvalorizado, humanamente é o mais complexo e rico.

Para quem queira entender não o que foi mas o que é o feminismo naquela que ele tem de mais profundo e essencial, e revistar as mais revolucionárias propostas que ele foi capaz de impor, a última metade do século XX, a leitura desse livro é obrigatória. Deliciosa obrigação que nos leva a passear pelo cotidiano das mulheres, no momento mesmo em que ele começa a ser percebido, questionado, ameaçado e reconstruído. Trata-se, sem dúvida, do melhor capítulo de memórias do feminismo no Brasil que alguém poderia escrever.

MARISKA RIBEIRO ■

Uma pobre vida sexual a três

Memórias de uma Moça Mal Comportada A verdade sobre o triângulo amoroso entre a autora, Sartre e Simone de Beauvoir

LAMBLIN Bianca (Tradução de Zéla Brasson)

Rio de Janeiro: Record, 1994

Bianca Lamblin consegue articular sua autobiografia com os fatos históricos e biográficos dos dois monstros sagrados que dominaram a vida intelectual francesa do pós-guerra: Sartre e Beauvoir, como diz a nota da editora:

Seu livro responde a publicação *post mortem* da correspondência mantida entre Beauvoir e Sartre (*Letras a Sartre*, Gallimard, 1990, tomo I) enquanto este se encontrava detido durante a ocupação alemã da França na II Guerra. O título escolhido, já bastante significativo, é um jogo de palavras com a autobiografia de Beauvoir intitulada *Memoires d'une Jeune Fille Rangee* (*Memórias de uma Moça Bem Comportada*).

Lamblin dá boas justificativas a necessidade de responder a essa publicação: uma delas, as inverdades encontradas nos textos lidos 40 anos depois de escritos, quando descobriu que aquela que amara toda a sua vida a havia constantemente enganado. Lendo as cartas, descobriu, desperto, a uma mesquinha, na hipocrisia, vulgaridade.